

Cleidiane Ponçada Santana

Cantos Tradicionais Pataxó na Língua Patxôhã

Belo Horizonte
Maio de 2016

Cleidiane Ponçada Santana

Cantos Tradicionais Pataxó na Língua Patxôhã

Percurso acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Línguas, Artes e Literatura, pelo Curso de Formação Intercultura de Educadores Indígenas FIEI/FAE/UFMG.

Orientador: Prof. Dr. Marco Scarassatti.

Belo Horizonte
Maio de 2016

Dedicatória

Dedico o meu trabalho em especial a memória dos anciões que muito lutaram em prol da permanência dos valores culturais e direitos do povo e da cultura pataxó da Aldeia Boca da Mata. Ao meu Deus que nunca me abandonou nos momentos de alegria e dificuldades da minha vida, que sempre me deu força e inteligência para continuar lutando em busca dos meus sonhos e ideais. Ao meu avô e pajé da aldeia Boca da Mata senhor Manoel Santana que muito lutou para a conquista do nosso território hoje.

Ao meu pai José Raimundo Santana, e minha mãe Ana Maria de Jesus Ponçada, aos meus irmãos e irmãs que são a minha família, meu porto seguro. Aos meus avós, e todos os meus sobrinhos, em especial a Raimilly, que muito me alegrou ligando para mim nos momentos de tristeza e saudades de casa. E ao meu companheiro, amigo e grande amor da minha vida, João Rodolfo, que esteve sempre presente comigo, que me incentivou e me deu a maior força na caminhada como acadêmica e, principalmente, seguiu junto toda a saudade, durante o período de curso.

Agradecimentos

Primeiramente meus agradecimentos a *Niamisũ* (Deus), meu Pai supremo que sempre me fortaleceu nos momentos de desânimo e fraqueza e por todos os dias de vida e minha saúde durante os períodos de curso. Ao meu pai José Raimundo Santana, meu guerreiro e meu maior orgulho, quem sempre incentivou a mim e aos meus irmãos a sempre estudar. A minha mãe Ana Maria de Jesus Ponçada, quem sempre orou a Deus pela minha saúde e proteção durante o período na faculdade, aos meus irmãos Edi Marcos, Marcos Edi, Marconis, Joseane, Josicleide, Diane, Marcos, Luciane e a minha irmã Sebastiana que esteve junto comigo e que, por isso, dividimos as saudades de casa e também compartilhamos os aprendizados, os desafios, e as alegrias. Ao meu esposo João Rodolfo Silva Pinheiro, que muito me ajudou, incentivou e contribuiu para a realização deste meu trabalho, a todos os meus sobrinhos e em especial kitok ãhé (Raimilly).

Aos meus amigos que já tinha e aos que fiz durante o curso e que me apoiaram e me ajudaram muito durante a jornada na universidade. Em especial à Arissana que muito contribuiu esclarecendo as dúvidas que tive no desenvolvimento do meu trabalho.

A minha Aldeia indígena Pataxó Boca da Mata, que hoje tanto proporciona conhecimentos sobre o nosso povo.

Aos anciões que muito contribuiu no processo de estudo, pesquisa e revitalização da cultura pataxó.

Aos professores de Patxôhã, Patyó Pataxó (José Raimundo Santana, Aldeia Boca da Mata), Tohô Pataxó (Moisés dos Santos Santana Ferreira, Aldeia Pé do Monte), Nyomaktxi Pataxó (Romário Farias do Nascimento, Aldeia Boca da Mata), que me ajudaram bastante nas entrevistas e foram as fontes de conhecimentos para a realização do trabalho.

Às lideranças que sempre apoiaram e ajudaram nas lutas em prol das melhorias para os estudantes indígenas na Faculdade.

À Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por abrir espaços aos universitários indígenas, em especial a Faculdade de Educação (FaE).

À secretaria do FIEI em nome de Luciana, em especial, à coordenadora Maria Gorete Neto e aos demais professores em geral e bolsistas que muito contribuíram e tiveram paciência conosco, ao meu Orientador Professor Marco Scarassatti, que muito me ajudou e incentivou a não desistir da minha monografia nos períodos de desânimo, meus sinceros agradecimentos.

Em fim agradeço de modo geral a todos aqueles que fizeram parte diretamente e indiretamente para a constituição deste trabalho.

Resumo

O trabalho apresenta uma síntese da transformação dos cantos tradicionais Pataxó, principalmente depois do processo de estudo e revitalização da língua Pataxó, caracterizando a perspectiva de registrar e mostrar a diversidade dos cantos do povo Pataxó, em específico da aldeia Boca da Mata. Para a realização do mesmo foram feitas entrevistas e observações a partir de encontros realizados dentro de algumas aldeias Pataxó. Foi possível compreender de forma relevante, como está sendo feito o trabalho de revitalização da cultura dentro da minha comunidade, foco da minha pesquisa. Dessa maneira registrei como que se dá o uso dos cantos da aldeia Boca da Mata, a representação dos cantos tradicionais e sua importância, o canto e a revitalização da língua Pataxó, a língua Patxôhã nos cantos Pataxó através do ensino aprendido na escola. Além desses, também apresento os cantos na língua Patxôhã, os cantos tradicionais e suas traduções, os cantos e autorias da aldeia Boca da Mata e por fim, os cantos Pataxó de antigamente. Na intenção de compreender esse novo processo da língua Pataxó dentro de aldeia Boca da Mata, percebo que os Cantos acabam por se caracterizar como uma forma de transmissão e fortalecimento da nossa cultura, bem como lembrar dos momentos de luta, sofrimento e grandes conquistas dos Pataxó ao longo da história.

Palavras-chave: Pataxó; Cantos Tradicionais; Usos; Língua Patxôhã.

Sumário

1. Introdução.....	7
1.1 O pensar sobre as trilhas da pesquisa	9
1.2 Perfil dos Entrevistados.....	11
2. História do povo Pataxó e seus cantos tradicionais	14
2.1 O povo Pataxó.....	14
2.2 Os Pataxó de Boca da Mata.....	17
2.3 Práticas culturais do povo Pataxó.....	20
2.4 O uso do canto na Aldeia Boca da Mata	23
3. O canto no processo de revitalização da língua e cultura Pataxó	29
3.1 A representação dos Cantos Tradicionais e sua importância	29
3.2 O canto e a revitalização da língua Pataxó.....	32
3.3 A Língua Patxôhã nos cantos Pataxó através do ensino aprendido na escola	36
4. Cantos na Língua Patxôhã.....	42
4.1 Cantos tradicionais do povo Pataxó e suas traduções	42
4.2 Cantos e autorias da Aldeia Boca da Mata.....	48
4.3 Cantos Pataxó de antigamente.....	50
5. Considerações finais.....	60
Referências	62

1. Introdução

Os Pataxó, antes do contato com o homem branco, eram um povo livre, nossas matas e rios esbanjavam saúde; nosso sustento vinha das raízes, dos frutos, das caças, dos peixes e mariscos, dentre outros. Nossas casas eram choças feitas de galhos finos das árvores, estacas enfiadas e curvadas umas com as outras, com cipó e a cobertura com folhas de palhas de coqueiro e folhas de patioba.

Sempre andávamos em grupos de um lugar para o outro, pois éramos nômades, toda a floresta era nossa casa e não havia divisão. Após o contato com povos não indígenas e a desagradável junção forçada dos dois povos, principalmente os grupos indígenas do extremos sul da Bahia, exclusivamente os Pataxó, houve a dizimação e a dispersão desses povos. Diante de tantas lutas e histórias de sofrimento do povo Pataxó, em meio à tanta perseguição e sofrimento, o que restou aos indígenas Pataxó foi passar por um processo de aldeamento, onde no qual se encontraram impossibilitados de fazerem e praticarem seus costumes e tradições.

Esse processo se arrastou por muitos e muitos anos, caracterizados por muita luta e resistência do povo Pataxó. Ao longo desses processos todos, ainda houve o massacre de 1951, que aumentou o sofrimento dos Pataxó que forçou ainda mais a dispersão dos índios para vários lugares, indo motivados a viver em um lugar que fosse tranquilo e não houvesse mais perseguições. A partir disso, com o processo de reestruturação, os pataxó que viviam na aldeia Barra velha, antigamente chamado de Bom Jardim, foram se reerguendo em outros lugares e permanecem lá até hoje. Como consequência disso, uma das aldeias a ser construída por esse povo que dispersou foi Boca da Mata, assim como várias outras.

Essas aldeias hoje estão bem estruturadas, Boca da Mata em especial se tornou, por conta dessa estruturação, objeto de pesquisa no processo de revitalização da cultura através dos cantos Pataxó. Assim, posicionarei a fala e discursarei acerca da apresentação da aldeia; no primeiro capítulo será contado um pouco sobre a sua fundação e também o histórico de surgimento. A partir daí, me disponho a falar como surgiu o interesse pela pesquisa. A iniciativa de produção desse trabalho parte de um desejo muito grande em registrar os cantos Pataxó, como forma de preservação da nossa cultura.

Dentro da pesquisa, havia um interesse sobre os cantos tradicionais pataxó na língua Patxôhã e a perspectiva de mostrar a transformação desses cantos, após o processo de estudo e revitalização da língua Patxôhã, bem como identificar as diversas variantes do modo de cantar do povo pataxó, levando em consideração a diversidade dos cantos da aldeia Boca da Mata. Logo, essa pesquisa justifica-se por tentar revelar como se deu esse processo de transformação dos cantos a partir dos estudos feitos por nosso povo, a partir dos estudos detalhados da língua Patxôhã. Isso nos fez e faz perceber, identificar e destacar a extrema relevância dos nossos cantos tradicionais dentro da nossa diversidade cultural, haja vista que, com isso, podemos guardar as histórias de cada canto, contadas pelos nossos anciões; reforçar a identidade como povo pataxó e, assim, refletir sobre as histórias de vida e de luta do nosso povo antigamente.

Esse estudo parte também de uma curiosidade muito grande acerca da percepção das produções dos cantos na língua pataxó após o processo de estudo da língua Patxôhã, iniciada em 1999 pelos estudantes pesquisadores, professores e lideranças Pataxó, e que continua até os dias atuais. Tais ações foram calcadas em encontros realizados pelo próprio povo, que aconteceram em comunidades alternadas, a fim de poder contemplar todas aldeias, bem como também a promoção de projetos e capacitações por instituições indigenistas. Essas ações me instigou a conhecer ainda mais o processo de produção dos cantos, além disso, me despertou a conhecer melhor como funciona na prática o uso da língua Patxôhã, em específico, nos cantos da Aldeia Boca da Mata, em comparação aos cantos entoados antigamente na aldeia mãe Barra Velha.

O canto do povo Pataxó apresenta grandes variedades no modo de se realizar em cada aldeia, o que demonstra e faz reforçar o seu diferencial entre elas. A partir dessa pesquisa, procurei também observar se houve mudanças na língua pataxó com os estudos e a valorização dos cantos na língua Patxôhã na Aldeia Boca da Mata. Pois, até então, essas preocupações de pesquisa objetivaram fornecer subsídios para o desenvolvimento de trabalhos futuros que possam contribuir com o aprendizagem dos mais novos, reforçando o interesse pela própria cultura e reafirmando a sua identidade como povo. Ressaltar a diversidade dos cantos Pataxó torna-se relevante, uma vez que o canto é um elemento de valor simbólico e espiritual para os indígenas, e os povos necessitam saber e se apropriar desse ideal tão pouco estudado. Como até então não houve um estudo mais detalhado sobre os cantos pataxó, a meta é apresentar, em

primeiro, o canto de maneira mais geral e, após, de maneira mais específica falando dos cantos da aldeia Boca da Mata.

1.1 O pensar sobre as trilhas da pesquisa

Para a realização dessa pesquisa, foi necessário ir a algumas aldeias Pataxó a fim de observar e entender um pouco como funciona o uso da língua Pataxó dentro delas e entender como se dá o uso dos cantos. Até então, a maior parte da observação foi feita na aldeia Boca da Mata, em que pude compreender melhor como eram feitas essas produções antigamente e perceber também o quanto eram importantes e como eram vistas dentro da aldeia pelos mais velhos e agora, no cenário atual, pelos mais jovens. Como as produções dos cantos são algo novo na Aldeia Boca da Mata, seu ensino se torna logicamente novo também, logo, esse trabalho de pesquisa procura entender melhor como anda o processo de revitalização da língua e cultura pataxó dentro da minha aldeia, já que a maioria das pessoas ainda não tem pleno domínio da língua.

Para realizar as entrevistas foi necessário o uso de caderno de campo para as anotações, do telefone celular que foi onde eu conseguir registrar as entrevistas, pois não tinha um gravador e uma máquina fotográfica para registrar as fotos. Assim, com vistas a uma melhor estrutura do trabalho, realizei entrevistas com três pessoas ligadas diretamente ao processo de revitalização da língua: um experiente professor de cultura da minha comunidade e os outros dois, jovens professores de Patxôhã, um de uma aldeia vizinha e o outro de Boca da Mata, para que dessem seus pontos de vista diante do conhecimento sobre os cantos.

A primeira pessoa que eu entrevistei foi o meu pai, senhor José Raimundo Santana (Patyó), professor de Patxôhã e liderança da aldeia, lugar no qual ele também faz parte do projeto de pesquisa ATXOHÂ, no sul da Bahia, juntamente com outros professores e pesquisadores Pataxó. O segundo entrevistado foi Tohô Pataxó, também professor de cultura na sua aldeia (Pé do Monte), ele, que é um jovem que está ligado diretamente nesse trabalho e estudo da língua dentro das aldeias Pataxó, vem sendo um dos professores novos que apresentam um grande domínio fluente da língua, além de ser autor de muitos cantos na língua Patxôhã. E o terceiro, Nyomaktxi Pataxó, também professor de Patxôhã da aldeia Boca da Mata, por ser um jovem que tem um papel

fundamental na escola onde trabalha e apresenta um grande interesse pelo ensino aprendizado de seus alunos.

Um dos motivos que me levou a entrevistá-los foi poder coletar com especialistas o máximo de informações necessárias para meu trabalho, uma vez que são grandes conhecedores da cultura Pataxó. Houve uma diminuição no *corpus* deste trabalho por questões de acesso às outras localidades, e indisponibilidade de pessoas de outras aldeias ligadas ao ensino da língua e cultura. Com isso não me dispus a fazer mais entrevistas, esse fato se tornou muito preocupante pois o meu trabalho tinha uma finalidade de um estudo mais geral, e essas entrevistas enriqueceriam ainda mais o trabalho. Daí foi necessária a mudança nos métodos de estudo, procurando, assim, falar de acordo com um ponto de vista menos geral.

A partir de então, de acordo com as observações feitas, pude também construir algumas considerações diante de algumas aldeias que visitei e, em específico a de Boca da Mata. Ao analisar a produção do canto e ver muito sobre suas transformações e mudanças mediante algumas aldeias e em Boca da Mata, pude compreender também um pouco da questão da “variância” por localidade e perceber que essa variedade presente no modo de cantar não causa atrito nem interfere dentro da língua Patxôhã.

A variação observada é sim uma forma de falar diferente, denominado português indígena, falado nas aldeias Pataxó, bem como em todas as aldeias indígenas. Assim como meu avô contava para meu pai e meu pai pra mim, os índios antigamente falavam arrastado, tinham a língua rachada, cortada, “falavam na raiz da jaca”, “cortavam a língua” modo utilizado pelos mais velhos ao falarem a língua pataxó. Essas variações modificam o modo do canto, não de falarem diferente o Patxôhã, mas porque eles se apresentam em que cada comunidade de uma forma diferenciada umas das outras, isso também acontece do mesmo jeito na batida do maracá, cada aldeia bate seu maracá de acordo com uma tonalidade e velocidade diferentes.

Com a dança não é diferente, já que também variam muito na hora de uma apresentação ou representação comunitária, como dizem os parentes. Cada comunidade traz suas diferenças, o que não é surpresa entre os Pataxó, sejam na batidas dos pés, no dançado, no uso dos seus trajes, nos seus cantos e variações; nenhuma aldeia tem a mesma sincronia, todas têm uma apresentação diferenciada no modo de dançar e representar cada canto. Essa característica Pataxó vem de muitos anos, pois o que me faz refletir sobre o que foi preservado pelos nossos mais velhos, e ainda permanece até

os dias de hoje, e se isso não muda nosso jeito de ser pataxó então devemos permanecer e praticar sempre tudo o que nossos ancestrais nos deixaram.

Diante disso, o fato de ter ido a encontros em algumas comunidades pataxó também facilitou muito por poder ter aprendido mais sobre outros trabalhos, que ajudaram muito para realização deste meu, como as oficinas de escrita e produção de material didático do Patxôhã, capacitações e jornadas realizadas para preparação dos trabalhos dos professores indígenas, entre outros, como os jogos indígenas realizados todos os anos na cidade de Porto Seguro.

1.2 Perfil dos Entrevistados

Patyó (José Raimundo Santana)



Imagem 1: Patyó. Fotografia da autora, 2011

José Raimundo Santana, (Patyó) nascido na aldeia Barra Velha, no dia 23 de dezembro de 1963, é um homem que, quando criança morou na aldeia mãe (Barra Velha), e só quando constituiu sua família, ano 1980, foi morar na aldeia Boca da Mata. Ainda jovem presenciou vários movimentos, lutas e conquista do povo Pataxó. Atualmente é professor de Patxôhã na Escola Indígena Pataxó Boca da Mata, onde trabalha há mais de dez anos, em sua prática docente exerce um trabalho de conscientização e do uso da língua. Estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), é também uma liderança muito forte e de grande respeito na sua comunidade. Junto aos demais professores é representante e pesquisador da língua e cultura Pataxó no Projeto de pesquisa ATXÔHÃ na Bahia.

Tohô Pataxó (Moisés dos Santos Santana Ferreira)



Imagem 2: Tohô Pataxó. Fotografia de Tohô, s.d.

Moisés dos Santos Santana Ferreira, de 27 anos, é nascido no dia 3 de julho de 1988. Professor de Patxôhã e liderança na sua aldeia Pé do Monte, é, hoje, Presidente da Associação Pataxó da aldeia Pé do Monte, onde mora com sua família; é também membro do grupo de jovens da sua aldeia. Um grande guerreiro que luta pelos os direitos dos índios Pataxó, é, neste momento, estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), muito conhecido entre os Pataxó da Bahia por falar fluentemente a língua Patxôhã, é considerado um grande pesquisador e conhecedor da cultura Pataxó.

Nyomaktxi Pataxó (Romário Farias do Nascimento)



Imagem 3: Nyomaktxi Pataxó Pataxó. Fotografia da autora, 2016.

Romário Farias do Nascimento, nascido em 12 de maio de 1990, professor de Patxôhã da Escola Indígena Pataxó Boca da Mata, onde trabalha e desenvolve muito bem o ensino do Patxôhã nas suas aulas. Atualmente, é estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), é um jovem grande conhecedor das rezas e da medicina tradicional da aldeia Boca da Mata, é também um grande artista que desenvolve e traz grandes conhecimentos do seu povo.

2. História do povo Pataxó e seus cantos tradicionais

2.1 O povo Pataxó

Nós Pataxó somos um povo de muita luta e muita diversidade cultural, desde muitos anos detínhamos grandes habilidades em atirar flechas, em caçar, em pescar e produzir nosso próprio alimento para a sobrevivência, além do mais sabíamos nos defender como ninguém. Um povo guerreiro que sofreu muito com a invasão do não índio, assim como a maior parte dos povos indígenas no Brasil, mesmo depois de muitos anos de contato forçado com os não indígenas, conseguimos permanecer com nossos traços culturais até os dias de hoje.

A maioria do tempo morando em aldeias, fazendo e praticando as atividades que nunca foram esquecidas pelos nossos velhos anciãos, uma vez que sempre permaneceram em suas memórias as histórias de antigamente que foram passadas de geração a geração e até hoje são compartilhadas com as gerações mais novas. E se até então fazemos o uso e lembramos da nossa cultura, temos que dar graças aos nossos velhos, que sempre estiveram preocupados em permanecer com as nossas tradições e nunca nos deixaram esquecer das lembranças dos nossos antepassados que sempre foram: nos ensinar a viver a cada dia e a lutar bravamente para que nunca se perca o verdadeiro jeito de ser pataxó e que possamos sempre existir como um povo.

Os Pataxó sempre estiveram na região do entorno do Monte Pascoal e tiveram que se unir a outros grupos indígenas com os quais mantinham contatos ou que vieram refugiados, garantindo assim sua sobrevivência e construindo suas vidas. Como se não bastasse, com a criação do Parque Nacional de Monte Pascoal, em 1943, durante o governo de Getúlio Vargas, os Pataxó enfrentaram mais um conflito dentro de seu território, quando se sentiram fortemente ameaçados. A criação desse parque previa a retirada dos habitantes indígenas da área em questão, na qual os Pataxó estavam situados desde antes da chegada dos invasores. Como resultado disso, em 1951, ocorreu um massacre denominado pelo povo Pataxó de “Fogo de 51”.

Esse massacre causou violência à integridade física e moral do Povo Pataxó, além da dispersão de muitas famílias, que só aos poucos foram voltando e reerguendo suas vidas novamente em suas terras, constituíram outras aldeias ou passaram a viver em outros locais circunvizinhos. No entanto, o povo Pataxó se fortaleceu e continuou a

luta para garantir seu território e reconstruir a vida. Em 1999, o povo Pataxó decide retomar seu território novamente, do qual o governo havia apenas demarcado um pedaço de 8.627 hectares (onde hoje está situada a Terra Indígena Pataxó Barra Velha) dentre os 22.500 ha. que foram transformados em um parque florestal que ficou conhecido como Parque Nacional de Monte Pascoal.

O território Pataxó ainda está no processo de revisão de seu limite, sendo que a Terra Indígena Pataxó Barra Velha abrangerá, caso seja demarcado, um limite de 52.748 hectares, no sentido leste à oeste desde o córrego do Champrão à Serra do Gavião, e a Terra Indígena Cahy/Pequi – Cumuruxatiba, onde está sobreposto o Parque Nacional do Descobrimento, atualmente em processo demarcatório.

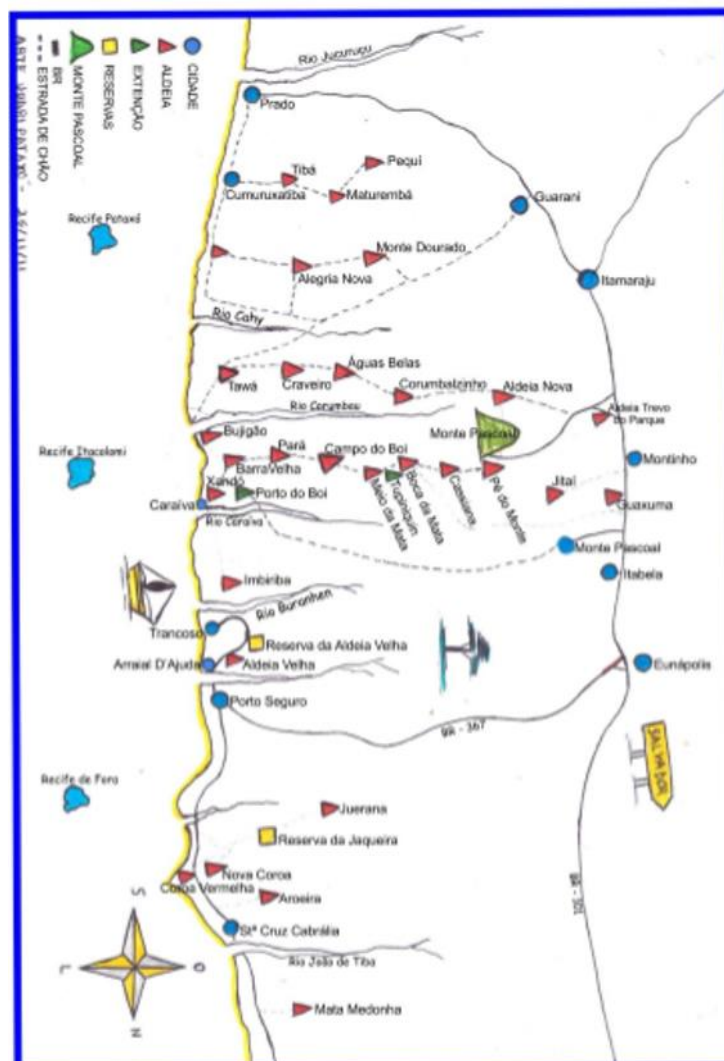


Imagem 4: Mapa atual das aldeias Pataxó da Bahia. Fonte: Anari Bomfim, 2012.

Hoje o povo pataxó vive no extremo Sul da Bahia nos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália, Itamaraju, Prado e também nos municípios mineiros de Carmesia, Arassuaí, Açucena e Itapeçerica, cuja ocupação se deu pelo deslocamento no ano de 1951, no “fogo de 51”, que foi uma grande chacina praticado contra nós, uma grande violência cultural contra nosso povo, que teve como consequência, uma grande dispersão do povo Pataxó, com isso as famílias que moravam em Barra Velha se deslocaram para outros lugares, se reestruturando ali. Entretanto, nosso povo se viu ameaçado em não poder se identificar como indígena com medo de que se repetisse o massacre, submetido a grandes humilhações e preconceitos, por sermos obrigados a negar a sua própria identidade.

Entre todos esses municípios totalizam-se 36 aldeias Pataxó que somam uma população de 15.000 indígenas, que em sua grande maioria sobrevivem exclusivamente da venda do artesanato, sendo ele de sementes da natureza, penas, madeiras, missangas e outros, também uma grande parte da sobrevive da agricultura, da pesca e entre outras atividades para sua sobrevivência. No entanto, no cotidiano do povo pataxó usa-se o português para se comunicar, e também se identificam com o uso constante dos vocábulos oriundos da língua Pataxó que, através do processo de estudo da língua nos anos de 1998, o povo Pataxó novamente voltaram a falar sua língua graças ao movimento coletivo dos lideranças e jovens professores e pesquisadores Pataxó.

E com isso o cenário histórico de luta, reconfigura-se com a própria dinâmica da língua pataxó que, ao longo desse processo de sofrimento e negação, sobreviveu adormecida na memória dos mais velhos, a partir de vocábulos e nas “canções pataxó”, que, ao longo do tempo, vem se fortalecendo, pela intervenção de alguns mais velhos e, agora, pela geração mais nova.



Imagem 5: Desfile dos alunos na 8ª Semana Cultural da Escola Indígena Pataxó Boca da Mata. Fotografia da autora, 2016.

2.2 Os Pataxó de Boca da Mata

A comunidade Indígena Pataxó Boca da Mata é localizada no extremo sul da Bahia, município de Porto Seguro, dentro do parque Nacional do Monte Pascoal. Com a área de 6775 hectares no território Barra Velha, Boca da Mata era uma extensão da aldeia Barra Velha. O nome Boca da Mata foi dado por um delegado de polícia que nos anos 60 ao passar por essas terras avistava uma abertura na mata que parecia uma boca, aí deu esse nome. Mas, durante aquela época, era conhecido ali pelos mais velhos por “Joaquim do Sapê”. Surgida entre as décadas de 1960 e 1970, era ponto de apoio que o povo Pataxó e os índios daquela região tinham pra caçar, pescar, buscar seus frutos dentro da mata e também para a colheita e extração da piaçava, que era o meio econômico e de sobrevivência do povo.

Nos anos de 1980, quando houve a divisão do território, algumas famílias que moravam em Barra Velha mudaram-se para Boca da Mata, a fim de obter mais espaço. Nessa época, Boca da mata já era um lugar habitado pelos nossos mais velhos, já que precisavam de espaço para a prática da agricultura. De lá para cá, a comunidade foi crescendo e se desenvolvendo, de início foram três famílias que vieram de Barra Velha e começaram a morar. Essas famílias criaram as primeiras roças e, através dessa ação,

iniciaram seus processos de sobrevivência, isto é, exclusivamente da prática da agricultura, que agregou ao cultivo da piaçava o da farinha. Nessa mesma época os índios chegaram até a exportar a farinha para outras comunidades e povoados mais próximos, já que uma das principais rendas da comunidade era a farinha.

O crescimento da comunidade era notório, e cada vez mais chegavam mais famílias. Tal crescimento fez surgir a necessidade de se criar uma escola, foi quando a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) buscou, por meio de uma parceria com a Aldeia Barra Velha, a implantação da primeira escola da Aldeia Boca da Mata. Essa escola funcionava como uma extensão, logo passou por grandes dificuldades, os materiais didáticos e a merenda escolar vinham de Barra Velha nas costas de animais, uma vez que naquela época não havia outro tipo de transporte institucional para dar apoio às comunidades. Também nessa época, a comunidade achou que era necessário ter um líder que representasse a aldeia, na verdade um cacique, só assim poderiam lutar de uma maneira mais organizada para conseguir benefícios. A partir dessa decisão e eleição de uma liderança para a aldeia que foi surgindo, por exemplo, as primeiras estradas, assim como a energia elétrica, posto de saúde etc.

Atualmente, Boca da Mata permanece em constante desenvolvimento e acabou superando a maioria das dificuldades daquela época, a aldeia de Boca da Mata assim como outras, hoje já possui representantes em várias áreas, como Educação, Saúde, Assistência Social, Esporte, Cultura, dentre outras. A nossa escola também se transformou, é uma escola de responsabilidade do município, bem como do Estado. Nela, são atendidos 429 alunos devidamente matriculados, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Em relatar sobre Educação, vale ressaltar os desafios enfrentados por nós enquanto indígenas, por querermos assumir o papel de agentes da Educação Indígena, bem como deter a formação para uma melhor contribuição na Educação Escolar Indígena.

O cenário atual traduz-se um número de estudantes formados e em formação que não condiz com o necessário para atender as demandas das escolas indígenas do município, enquanto isso, há uma preocupação, por parte das lideranças e integrantes da comunidade, se realmente as nossas crianças estão recebendo uma educação de qualidade nas nossas escolas, já que o número de educadores não-índios que desconhecem da realidade indígena ainda é grande. Todavia, a busca por uma formação de qualidade tem respaldo numa preocupação e desejo que nossos mais velhos sempre

comentaram e ainda comentam, que passemos por formação, para assim poder lutar e atender as demandas em benefício do povo.

A economia da comunidade também passou e passa por mudanças, alguns comércios foram criados, a agricultura prevalece, mas não com tanta força como antigamente, uma outra forma de ganhar dinheiro tomou conta da comunidade, nesses últimos anos, o artesanato derivado da madeira. Essa atividade econômica enfrenta problemas relacionados ao meio ambiente que fez surgir uma nova fonte de renda que é o trabalho com reflorestamento, gerando empregos nas cooperativas da própria comunidade. Outra fonte de renda são os empregos diretos e indiretos que a escola da aldeia proporciona, vista que é uma escola de grande porte e consegue contemplar um número razoável de funcionários. Temos também, vagas ocupadas por moradores na área da saúde, saneamento básico e de Assistência Social, além das famílias que vivem do bolsa família, e nossos mais velhos que são aposentados.

O crescimento da nossa população é considerável, no início eram três famílias e hoje são 204 famílias, com um número aproximado de 1500 pessoas na comunidade, contabilizando os nossos mais velhos, as crianças, os jovens e os adultos. Tal aumento dos números de integrantes traz uma problemática enfrentada pela maioria das comunidades Indígenas que estão em lugares já demarcados, pouco espaço para seu desenvolvimento e muita gente para ocupação. Daí a luta do nosso povo pela ampliação e demarcação do nosso território.



Imagem 6: Apresentação de professores e alunos 8ª Semana Cultural da Escola Indígena Pataxó Boca da Mata. Fotografia de Ibutá Pataxó, 2016.

2.3 Práticas culturais do povo Pataxó

O indígena carrega consigo características próprias de um povo que enfrentou e enfrenta muitas lutas para assim não perdê-las, tais características consolidam os avanços e mantém vivo os ideais construídos ao longo do tempo. As ferramentas necessárias para tais proezas são as práticas culturais desenvolvidas durante os muitos anos, como: a utilização da medicina tradicional; a construção das formas de habitação; a prática dos rituais, da pesca e caçada; o preparo comidas e bebidas; a produção de artesanato; os usos dos jogos, brincadeiras, histórias, pinturas corporais, dentre outros.

O pajé de uma aldeia, além de uma grande e forte liderança na comunidade é um grande sábio, ele é, para a maioria das pessoas, um curador, principalmente, por preparar remédios naturais de grande eficácia, além de benzer e curar pessoas por meio de suas rezas e das plantas. As suas atitudes e indicações de medicações naturais proporcionam um ensinamento aos integrantes da comunidade, que é praticado e passado, por meio da oralidade, de geração em geração.

A parteira é uma anciã da comunidade, detentora de variados conhecimentos tradicionais como as técnicas de acompanhamento da parida e da criança, conhecimentos esses alicerçados pelo domínio da preparação das plantas e ervas medicinais, que são utilizados por ela na hora da realização do parto. Ainda na nossa comunidade a maioria das mulheres preferem dar à luz as seus filhos na aldeia e por uma parteira.

Ao falar das formas de habitação, podemos destacar algumas praticadas até hoje. São elas, feita de barro, que é conhecida pelo povo como taipa embarreada. Essa prática do embarreio é usada até hoje por alguns moradores da aldeia, que é feito a partir do convite do dono da casa para outros moradores família, amigos e parentes conhecidos em ajudá-lo a embarrear sua casa. No dia do combinado embarreio vão homens e mulheres; os homens ficam encarregados de embarrear e as mulheres cuidam do almoço oferecido pelo dono da casa. Essa prática do embarreio ainda pode ser vista em tantos outras aldeias, pois como forma de tradição das aldeias, ainda hoje se utiliza. Também as casas de pau-a-pique ou palha, a cobertura poder ser utilizada folhas de palmeiras, sapé, oricana, marimbu ou piaçava. Atualmente a maioria das casas nas aldeias são de alvenaria, porém, com a resistência de muitos.

A prática da pesca era uma das principais atividades econômicas e de subsistência do povo pataxó. Alguns instrumentos de pescas foram mantidos como é o caso do suru com tapagem, redes de náilon, canoas, linha e anzol. Vale lembrar que a farinha e o peixe são os alimentos tradicionais prediletos do povo Pataxó. O preparo do peixe na (folha de) patioba é muito comum no dia a dia do nosso povo. Para a degustação é necessário outro item importante que é a farinha de puba (farinha grossa). No processo de preparação da farinha de puba também é preparado o bolo de puba e o beiju de coco, apreciamos a bebida chamada de Cauim, feita a partir da fermentação da mandioca.



Imagem7: Mulheres preparando o Beiju para servir aos alunos e a comunidade na 7ª Semana Cultural da Escola Indígena Pataxó Boca da Mata. Fotografia de Ektanay Pataxó, 2015.

Existem alguns outros objetos que possuem grande importância, principalmente quando se diz respeito às nossas manifestações culturais. O maracá (marakãhã) é um instrumento que é considerado sagrado por nosso povo, pois ele, desde muitos anos, vem sendo utilizado em grandes atividades e lutas do povo. Nós pataxó temos grande respeito por ele, quando entoamos um canto ou estamos no nosso ritual, o maracá é fundamental para chamar os espíritos sagrados dos nossos antepassados para nos fortalecer. Esse instrumento é confeccionado por elementos composto da natureza, como o coco, a cabaça, sementes de tento ou pariri e um pedaço de madeira leve que serve como cabo.

Outro objeto usado também é o cocar (wrataká), que possui um grande valor simbólico e representativo, pois, desde muitos anos, é usado por nós, Pataxó. Antigamente ele era confeccionado apenas com duas asas de jikitaiá abertas (pássaro da

região), cordas de tucum e tiras da tala do coco. Hoje ele é feito de maneira diferente, são feitos com penas de xukakay (galinha) de cores variadas, fibras do coqueiro e alguns tipos de tecidos para fazer o acabamento. Além da sua simbologia, o povo tem muito respeito com seu uso, o cocar para o povo Pataxó é um amigo e um parceiro nos momentos de cerimônias e rituais para trazer força e energia, tanto física quanto espiritual.

O colar é um adereço também muito utilizado pelo povo Pataxó, seus modelos variam de acordo as particularidades das aldeias; seu uso é essencial nos rituais, cerimônias, trabalhos e em outros eventos. O colar ou masaká é um adereço feito pelos Pataxó que pode ser utilizado também no cotidiano. Eles são feitos de sementes coletadas da natureza, como as sementes de pariri, tento, matapasso, olho de pombo, juerana, salsa da praia, mauí, café-beirão, pakari, milagre etc. Para ficarem mais bonitos, também são usados como enfeites ossos, madeirinhas, penas, linhas de tucum e linhas de nylon. O uso do colar representa e tem um fundamento muito forte na questão do sagrado e do espiritual, pois quando usamos um colar sentimos protegidos de tudo que é ruim e dos males que possam existir contra nós.

A tanga um outro adereço utilizado por nós indígenas, ela está entre os adereços principais usados pelo Pataxó. Uma vestimenta de uso pessoal utilizada em momentos de rituais, em batalhas, em manifestações culturais e é, contudo, uma companheira em todos os lugares. A tanga Pataxó é feita de biriba, uma espécie de árvore da mata, mas pode ser confeccionada também de taboa, uma vegetação encontrada nos brejos. O nome dado a essa vestimenta em Pataxó é ‘tupsay’, que significa roupa. A tanga de biriba, assim como qualquer outro adereço ou instrumento Pataxó, não deve ser emprestada, vendida, ou deixada de qualquer jeito, pois ela, juntamente com outros instrumentos indígenas, deixa os Pataxó mais fortalecidos e protegidos contra coisas ruins.



Imagem 8: Apresentação de Arco e Flecha dos alunos na 8ª Semana Cultural da Escola Indígena Pataxó Boca da Mata. Fotografia de Ibuí Pataxó, 2016.

2.4 O uso do canto na Aldeia Boca da Mata

Na cultura pataxó, a prática do canto é muito presente no dia a dia das famílias, é notório, até mesmo antes do trabalho de pesquisa do Patxôhã, o povo fazer o uso das suas “músicas” ou seus “cantos”. Esses cantos, em sua maioria, eram, num passado recente, entoados mais na língua portuguesa. Essa forma do cantar se deu a partir dos processos de luta, dispersão e perseguição do povo pataxó, que deixaram de falar sua língua de origem pra seguir com outra, imposta pelo não-índio, que mesmo assim não conseguiram impedir que o nosso povo cantasse e pudesse expressar seus sentimentos através dos cantos, sendo eles na língua pataxó ou na língua portuguesa. Isso reflete na história de vida do nosso povo – que antigamente fazia o uso dos seus cantos na língua Pataxó – bem como na sua maior parte para não esquecer dos seus usos culturais, costumes, histórias de vida e até mesmo lembrar de alguns parentes, além da busca do fortalecimento espiritual através dos nossos ancestrais.

O uso do canto como já dito, é muito presente na vida do povo Pataxó, pois quase em todos os momentos o povo está cantando. O Pataxó é um povo muito festivo, utilizamos os cantos nos momentos de diversão e confraternização com os parentes da nossa e outras aldeias vizinhas. Utilizamos o canto nos momentos de luta, seja ele um movimento dentro e fora da aldeia; nas atividades propostas dentro da escola; na comunidade; em reuniões; formaturas; casamentos; numa roda de Awê; na construção de uma casa ou um embarreio, no trabalho de casa ou até mesmo numa plantação de

roça ou numa colheita, assim como em todos os outros momentos que o povo utiliza para poder passar e aprender os conhecimentos dos nossos ancestrais. Assim, podemos dizer que essa prática era e é muito frequente dentro de todas aldeias indígenas, como pode se perceber na fala do guerreiro Patyó:

Como munitor né, de cultura onde no qual agente ta ainda na revitalização de nossas, nossa língua que fui retirada né, nos fomos impedido de fala nossa cultura porque agente, o povo pataxó que vivia aqui na costa do descobrimento fomos os primeiros a ter contato com o português, na verdade hoje, agente não fala a língua é, fluentemente porque é , nois fomos impedido de de se seguir esse caminho, mas aquilo ficô guardado no sentimento do nosso povo e também fico guardado em música né, nosso povo foi impedido de falar, mais não era impedido de cantar seu sentimento através das músicas, então eu, como me lembre minha família né ,cantava música. (PATYÓ PATAXÓ, 2015).

O uso dos cantos teve um papel muito importante que foi o de guardar, na memória do povo, as histórias, os costumes, as tradições, as vivências e principalmente o uso da língua que o povo falava antigamente. Os cantos para o povo Pataxó representam muito além do que um simples canto ou outro qualquer, eles representam uma simbologia, representa o sagrado, pois é através deles que entramos em contato com a natureza, com o cosmo, com a terra, com os espíritos sagrados, com os nossos ancestrais, e é deles que renovamos as nossas forças espirituais.



Imagem 9: Apresentação dos alunos na abertura do Awê na 8ª Semana Cultural da Escola Indígena Pataxó Boca da Mata. Fotografia de Ibuí Pataxó, 2016.

Os cantos Pataxó também são definidos através da nossa realidade e realidades de outros lugares, além dos momentos históricos vivenciados dentro do povo. Na aldeia Boca da Mata fazemos o uso dos cantos sempre, também em alguns momentos específicos, como, por exemplo, nos rituais sagrados e numa manifestação cultural com a comunidade, seja ela na aldeia ou em outro lugar, na escola com professores e alunos, na aldeia com: mulheres, homens, jovens, crianças, velhos, em casa com os kitok, no trabalho e em outros lugares que de uma certa forma possam trazer ensinamentos.

Além dos cantos que em si trazem suas representações para o povo Pataxó na língua Patxôhã ou na língua portuguesa, também temos na aldeia o uso do “Samba” um outro tipo de canto ou um outro tipo de atividade presente dentro da cultura do povo Pataxó cujo uso já acontece há muitos anos. Hoje se faz presente na vida de algumas aldeias, um símbolo que foi imposto pela igreja e pelo homem branco na época da colonização e catequização dos povos.

Na verdade essa prática do samba hoje já faz parte da cultura tradicional local mesmo não sendo uma prática de tradição indígena, porém ganhou espaços, e hoje se tornou uma das manifestações culturais dentro das aldeias Pataxó, uma atividade aderida a cultura que, de uma certa forma, nos faz refletir e nos ajuda a entender um pouco sobre as transformações culturais, que vêm sendo apresentadas dentro de algumas aldeias indígenas e em específico em Boca da Mata.

O samba que é um movimento cultural que está ligado às festas de alguns Santos, é uma das manifestações em que mais percebemos o processo de contato e troca que os Pataxó vivenciaram ao longo dos séculos dentro do projeto colonialista, numa história que não se baseou apenas na exploração econômica e sujeição política dos territórios, mas também na aniquilação da língua indígena, cultura e povo, de modo geral. A Igreja desempenhou um papel estratégico nessa tarefa, seja por meio da incorporação de novos hábitos, seja pela proibição de nossos hábitos tradicionais. Além disso, o período pós-colonial também foi marcado por processos de contato e trocas sociais e culturais entre as diversas etnias indígenas e a população não indígena.

Inevitavelmente, esse processo influenciou os costumes e tradições dessas populações. Assim, as festas de santos tornaram-se comemorações importantes em muitas aldeias, inclusive nas aldeias Pataxó. Mas é importante levar em consideração que essas festas, assim como outras manifestações da cultura Pataxó, foram reelaboradas por meio de experiências e de valores fundamentais para essas populações.

Entre suas manifestações culturais religiosas, a Festa de Reis, se configura como o primeiro festejo mais importante da aldeia realizado durante o ano, seguido das festas de São Sebastião, São Braz e Santo Antônio.

A Festa de Reis acontece há 25 anos, sempre no dia seis de janeiro. Esse festejo foi iniciado pelo pajé da comunidade, senhor Manuel Santana, nos anos de 1989. Inicialmente, era realizado em sua própria casa, com um número pequeno de participantes. Com o tempo e o apreço da comunidade, ganhou mais adeptos, e hoje, toda a aldeia se envolve nesta manifestação, que demanda tempo e custos financeiros. Os festejos ocorrem durante três dias, no entanto, com cerca de dois meses de antecedência já começam os preparativos, com ensaios do samba. Nestes ensaios, o grupo do samba visita a comunidade em suas casas, cantando suas “músicas” e versos alusivos às datas religiosas.

No dia do festejo, logo cedo, a comunidade vai em direção à mata para a escolha e derrubada do mastro onde ficará a bandeira com a imagem do santo do dia. Após derrubado o mastro é puxado pela comunidade até a igreja no centro da aldeia. Todo esse ritual faz parte do festejo e é acompanhado pelo grupo de samba que vai tocando e cantando durante todo o percurso. Ao chegar à igreja, é colocada a bandeira no mastro e este é fixado ao chão. Nesse momento, passa-se a escolha das pessoas que serão responsáveis por articularem a festa no ano seguinte, esta escolha é feita indagando os devotos que possam ter interesse, uma vez que estes se manifestam, entregam-se aos mesmos, os ramos de planta para simbolizar quem serão os futuros festeiros.

Em seguida, ocorre a reza para finalizar a cerimônia deste festejo. Daí em diante a comunidade se confraterniza, e são oferecidos comida e bebida para todos e o samba continua a tocar. Para o samba, são utilizados diferentes instrumentos como: pandeiros, cuícas, zabumba, reco-reco, rebole, violão e triângulo. Além desses instrumentos foram acrescentados alguns outros que fazem parte dos rituais indígenas como o tambor e o maracá.

Um outro ponto importante que gostaria de enfatizar é que justamente nesse movimento cultural, que se faz presente as “músicas” que são cantadas, tendo em vista que a maioria delas, ou melhor, dos cantos, são cantados em português, em uma prática de criação das músicas que são dadas ou são feitas a partir das lembranças dos mais velhos, da suas práticas do dia a dia, de seus movimentos, dos rituais realizados, das festas, a partir da crença e, principalmente, através dos sonhos. As músicas mais

cantadas no samba são aquelas que foram feitas antigamente pelos mais velhos, mas essa diferença varia muito de uma aldeia para outra, por exemplo quando se tem uma pessoa que tenha, no passado, produzido algumas músicas, e essas mesma foram passadas e são cantadas até hoje pelo povo da sua aldeia.



Imagem 10: Apresentação do samba tradicional Pataxó Boca da Mata no desfile de 7 de Setembro em Porto Seguro. Fotografia de Carla Folegatti, 2015.

Então, essa questão dos cantos se dá muito a partir do seu uso, se você usa de alguma forma, logicamente elas permaneceram por muito tempo, mas no caso do não possuir um uso, elas ficaram ali paradas, e, de uma certa forma, adormecidas por não serem usadas. Isso vem dizer muito em relação ao samba que já é de tradição do povo Pataxó de algumas aldeias, e através dele, que hoje, os sambadores também já estão fazendo o uso dos Cantos em Patxôhã entre os demais da aldeia para poder também socializar as palavras, que aos poucos vão sendo passadas para aqueles que não tiveram acesso à escola, local onde em que mais se faz presente, hoje em dia, o movimento de revitalização e uso da cultura Pataxó.

O samba é uma maneira de levar o patxôhã também para a comunidade, é um modo de chamar a atenção do povo e uma forma também de não trabalhar o patxôhã só com os alunos. É uma tradição e é uma forma de colocar músicas em patxôhã, afinal somos indígenas e podemos respeitar nosso samba à nossa maneira, fazendo com que os membros das comunidades, principalmente aqueles que não tem acesso à escola que sintam curiosidade e mais na frente procurar agente para saber qual é aquela palavra que ele está cantando... É por ai. (NYOMAKTXI PATAXÓ, 2016).

Atualmente o que vem ganhando cada vez mais espaços no samba, além dos cantos que falam a respeito da crença da religião, são os “Cantos” que também são usados no Awê, nos rituais sagrados, nos movimentos de luta, de guerra e confraternização. O uso dessa prática se torna cada vez mais fundamental e importante na questão de revitalização da língua e cultura do povo Pataxó. E no que diz Nyomaktxi esse é um dos meios onde está se levando o Patxôhã entre todos, pois o samba é um movimento onde todos participam e onde está envolvido não só os jovens mais toda a comunidade.

3. O canto no processo de revitalização da língua e cultura Pataxó

3.1 A representação dos Cantos Tradicionais e sua importância

Os cantos são muito importantes para os Pataxó, pois eles retratam a luta, sofrimento e a verdadeira história do povo. O Heruê, também conhecido como Awê, significa para o povo Pataxó amor, união e espiritualidade da natureza. Cantar e dançar não são apenas uma diversão, pois, quando falamos de cantar e dançar nosso Awê, pensamos em entrar em harmonia com o ambiente e com o sagrado, por isso merece nosso respeito porque expressam alegria, sofrimentos e luta do povo.

Para o Pataxó, o canto tem suas representatividades, e cada canto tem uma dança em específico, pois existem as orações que são cantadas antes de iniciar qualquer atividade, a partir delas criamos coragem e buscamos força espiritual para vencer qualquer barreira do dia. Temos as músicas de entrada que também são cantadas antes de iniciarmos os trabalhos, para assim poder ficarmos mais alegres e dispostos durante o dia, existem, também, os cantos de confraternizar com a comunidade e com outros parentes de outras aldeias; dessa forma, nos é possível compartilhar de uma só alegria e união.

Os cantos pataxó têm muitas outras representações, temos os cantos que representam cada momento específico do povo, os que representam a força física e espiritual do povo, os de agradecimentos, os que representam a luta do povo pelas suas terras, outros que representam muito além do nosso dia a dia, expressando as tristezas, as alegrias, as lutas, os trabalhos e a história de vida dos nossos antepassados. Assim como o canto, a dança também possuem suas representações, haja vista que, para cada canto existe uma dança específica, ou para cada canto uma forma de representar, uma performance.

Dessa maneira, não só o canto traz suas representações, a dança também; através da harmonia dos cantos dos pássaros, o barulho das águas, o movimento das nuvens, o silêncio das pedras, o ruído dos ventos, o calor do sol, a pureza da lua, e com isso celebramos e vivemos tudo aquilo que somos. O canto é um elemento importante na vida do povo Pataxó, desde tempos passados, ele se tornou um fator que permitiu “arquivar” na “memória” dos nossos velhos a vida, a cultura, a luta e sofrimento do

povo. Assim como tantos outros elementos que compõem a cultura Pataxó, ele se destaca entre todos, sendo considerado por nós como um dos principais.



Imagem 11: Alunos cantando a oração na abertura da 6ª edição da Semana Cultural da Escola Indígena Pataxó Boca da Mata. Fotografia de Ektanay Pataxó, 2013.

O canto Pataxó constitui uma maneira de fortalecimento, principalmente da língua e da cultura Pataxó, representando para nós Pataxó, como já dito, a alegria, o sofrimento, paz, vida e luta do nosso povo. Tais representações podem ser identificadas nas falas de jovens guerreiros Pataxó, a exemplo do guerreiro Tohô, membro da aldeia Pé do Monte e professor de Cultura Pataxó que diz:

Então o canto ne, de acordo com meu conhecimento ne, e com uns conhecimento dos mais velhos ne, o canto pra nois ele tem vários várias representatividades vários significados ne, é as vezes quando cantando e dançando e dançamos ali estamos pedindo forca a nossa mãe natureza ne, e o que a mãe natureza pra nois ne hoje e antes ne, então assim nois temos ne, eu enquanto pataxó ne, tenho um grande respeito ne, por nossa mãe natureza porque aprendi dessa forma ne, com meu pai ne, e com alguns anciões ne, daqui da nossa comunidade também e de otras comunidades ne, ouvindo eles falar ne. Então a música, é as vezes representa alegria ne, momento de alegria, momento de tristeza, momento de dor ne, sofrimento ne, então de acordo com que nois tomo cantando e dançando também nois temo que entender o significado. (TOHÔ PATAXÓ, 2015).

Assim como diz Tohô Pataxó, precisamos entender em qual significado que se tem cada canto e o que ele realmente representa para nós. Assim como, saber ter o respeito pelos nossos mais velhos, pois eles que nos ensinam em vários momentos; respeito pela nossa mãe natureza e seu trabalho espiritual e pela força dos nossos ancestrais. Antigamente, o povo Pataxó utilizavam em suas reuniões o exercício dos

cantos e das danças, esses cantos eram entoados pelos mais velhos e as composições escrita na língua portuguesa, mesclado com vocabulários da língua Pataxó, e já existia um grande interesse em pesquisar a fundo sobre a língua pataxó.

Então, depois do fortalecimento e estudo da língua Patxôhã, o povo teve a possibilidade de poder criar os cantos na língua. Esse avanço foi muito importante na cultura do povo de uma forma geral, porque víamos a necessidade de produzir nossos cantos, e de falar na língua novamente. Hoje alguns anciões ainda não entendem esse processo de transformação da cultura Pataxó e a denominação da língua de antigamente como Patxôhã, mas que vale a pena concretizar é que, foi através da pesquisa e estudo, que passamos a fazer novamente o uso da nossa língua e a produzir nossos cantos, utilizando no nosso dia a dia o uso das palavras, que as poucos vão sendo mais constantes dentro das falas do jovens e anciões das aldeias Pataxó.

Na verdade não era o Patxôhã que falava, que era falava na verdade nosso povo falava “corta a língua” o Patxôhã surgiu através da pesquisa né, iai já foi através dos estudantes que fazendo as primeiras pesquisas pra ver como que deveria trazer essa história, iai assim o Patxôhã dentro de três palavras né que é Patxôhã, ela se divide em três palavra, PATXI é da palavra pataxó ne, e XOHÃ, ATXOHÃ que é língua, e XOHÃ guerreiro, ai então surgiu a palavra Patxôhã que é a linguagem de guerreiro pataxó, ai que fico como Patxôhã né, iai já através das pesquisas que agente, o povo acho como, melhor colocar essa palavra, que ai era uma busca que os índios tava buscando, procurando é trazer de volta essa história, essa, esse costume na verdade.(PATYÓ PATAXÓ 2015).

Vale ressaltar que, para a realização da pesquisa, se deu graças aos nossos anciões, pois eles foram as fontes principais. Com a preocupação de alguns desses anciões em ver esse nome “Patxôhã” como uma coisa diferente da nossa cultura, eles se sentiam meio constrangidos e sem entender muito bem esse processo, mas aos poucos isso vem mudando, pois a partir da prática e também da apresentação dos jovens em relação ao entendimento do que seria essa pesquisa – quando falamos sobre o Patxôhã – eles já compreendem melhor, assim como percebemos pela fala de Tohô:

Hoje com a grande pesquisa que os parentes fizeram ai iniciaram em 98 pra nós ne nos temos que entender que isso também é um fortalecimento alguns mais velhos eles fica assim a mais o patxoha hoje ne não existia Patxôhã eu nem sei o que é Patxôhã mais eu também já expliquei pros parentes que nós temos que explicar pros nossos mais velhos o que é o Patxôhã e quais são as três palavras que se formou, ali a palavra patxôha né pros nossos parentes entender também já falei que nos temos também na hora de falar com os mais velhos vamo “cortar a língua” vamo falar em cortar a língua porque

muitos entende né o que é cortar a língua se chegar e falar mais velho parente vamos falar Patxôhã o mais velho não entende né então se eu falar vamos cortar a língua ou falar nossa língua pataxó ai sim o mais velho vai entender.(TOHÔ PATAXÓ, 2015).

Ao descrever sobre “corta língua”, fica bem claro que isso já vem de antigamente dos mais velhos, quando eles usavam o “corta língua”, queria dizer ao modo de se referir ao falar e conversar com os outros que também falavam na língua pataxó. Então, a partir da pesquisa do Patxôhã que surgiu este outro nome dado pelos próprios pesquisadores e professores pataxó para se referir como nossa língua, e também uma nova forma de nomear a língua que pronunciamos e fazemos seu uso.

Como disse Tohô, preocupado como os mais velhos entendem e interpretam esse processo de pesquisa, precisamos cada vez mais falar a respeito do que se trata o Patxôhã e transmitir essa mensagem para alguns mais velhos para eles compreender também o sentido que se tem essa pesquisa para nós, Pataxó.

3.2 O canto e a revitalização da língua Pataxó

Para entendermos o porquê da língua Pataxó ter ficado adormecida, é importante lembrar e considerar vários aspectos, uma vez que a língua Pataxó não foi perdida como dizem. A língua pataxó está presente no cotidiano dos indígenas, porém, não com a intensidade desejável. Tentaram tirar o direito de continuarmos falando a nossa língua, tal situação segue desde a chegada dos Colonizadores e suas imposições dos seus costumes e tradições, até consequente período de inserção ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI), substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Um período em que aldeamentos foram forçados provocando um trabalho mais efetivo de extermínio da língua falada; todavia, nem tudo foi perdido da língua antiga.

O trabalho de resistência dos mais velhos, enche-nos de esperança e fortalece nossos objetivos deste novo trabalho, o de resgate da língua Pataxó, que foi possível porque foram preservados nas memórias, das músicas e das palavras de uso comum entre as pessoas, o que rendeu uma quantidade considerável de palavras de grande valor para nós. A língua falada antigamente é, certamente, da família de línguas Maxakali, pertencente ao tronco Macro-Jê. Atualmente se consegue fazer comparação de sons e significados iguais entre as duas línguas. Podemos afirmar também que existia semelhanças não só nas línguas, mas também nos costumes desses povos.

Há pouco tempo, um grupo de pessoas ligadas à educação, bem como lideranças Pataxó, tiveram a iniciativa, motivados pela preocupação de manter o jeito de ser Pataxó, agiram de maneira independente, a desenvolver estudos mais criteriosos acerca da língua Pataxó. Após inúmeros estudos, e levados pelo desejo de:

descoberta e de aprender tudo sobre a nossa língua, passamos a chamar nossa língua de ‘Patxôhã’ para marcar nosso trabalho. ‘Patxôhã’ porque ‘pat’ são as iniciais da palavra ‘pataxó’; ‘atxohã’ significa ‘língua’; ‘xôhã’ é ‘guerreiro’. Ou seja, linguagem de guerreiro. (ATXÔHÃ, 2011)

Assim, fica evidente o marco para o processo de resgate da língua pataxó, que passa a ter uma identificação traduzida à própria língua. Haja vista que, o processo de estudo da língua começou muito tempo, antes mesmo da pesquisa atual, tendo sido iniciado com os mais velhos e direcionado a toda comunidade. Com o passar do tempo, houve a necessidade de um estudo mais incisivo, que foi ganhando força; e o meio encontrado para fazer acontecer foi a realização de discussões com o grupo de pesquisa Atxôhã, para a realização desse trabalho, que só a partir de 1999 foi concretizado.

Nós entendemos hoje como Patxôhã é um processo coletivo, não é algo individual e tudo isso iniciou não só pela necessidade de escola e Jaqueira ou como alguns outros pensam. Já havia uma discussão entre as lideranças, entre os mais velhos da necessidade da revitalização da cultura e aí incluindo a língua. Nós entendemos hoje como esse processo de revitalização, foi um processo combinado. [...] Todo processo iniciado não foi iniciado de qualquer maneira, pois o pessoal de Minas já vinha fazendo um trabalho nessa direção principalmente com a questão dos nomes indígenas e a gente historicamente sempre usou dois nomes aqui também em relação a isso. Muitas vezes era um nome na língua portuguesa, mas era um nome de um animal, às vezes de uma língua indígena de outra região. Já havia um uso de uma outra linguagem que não era aquela qualificada no dia a dia. E também não era a língua dos mais velhos, vamos dizer assim, era uma língua usual, o que poderíamos chamar de uma variante do português. Nesse processo de combinar nós fizemos todo um processo de conversar com lideranças, a gente apresentou, eu me lembro muito bem, a primeira vez que nós apresentamos isso foi no Monte Pascoal, até porque em 99 estava lá grande parte das lideranças que estavam no processo de retomada do Monte Pascoal e nós aproveitamos aquele momento para apresentar as nossas primeiras noções do que a gente tava fazendo, do que que a gente imaginava que era possível ser feito, e isso foi muito bem aceito. As lideranças entendiam que o caminho era realmente aquele e que a gente precisaria combinar melhor isso... depois fizemos um outro encontro na Jaqueira, onde ficou claro exatamente essa nova possibilidade de entendimento, que havia a necessidade disso. E, portanto, para a gente não ficar de maneira isolada a gente criou um grupo de estudo [...] (MATALAWÊ citado por BOMFIM, 2012, p. 73).

A partir disso, vale mencionar, as contribuições dos mais velhos, através das suas práticas, ações e suas verdadeiras histórias de vida, contadas e vividas por eles antigamente, sem as quais sem isso não seria possível. Também além das dificuldades vale dizer o desejo que os próprios indígenas, que tiveram interesse pelo estudo, por meio do qual poderiam avançar a pesquisa sem expor os anciões, optando, assim, a fazerem eles próprios as pesquisas, como fica bem claro na fala dos parentes.

Nós queríamos fazer um trabalho independente, a gente não queria fazer um trabalho com antropólogo ou com linguista etc e tal. Nós queríamos fazer um trabalho independente entre nós, esse é um marco importante. Naquele momento a gente entendia que se a gente fizesse algo externo, a gente acabaria não ficando com o controle da pesquisa, o outro lado, os resultados poderiam não ser os resultados nossos porque alguém levaria o nome e principalmente tínhamos a preocupação que o resultado disso não fosse implantado na comunidade e nem teria a validade dos mais velhos. Isso a gente avaliou naquele momento e entendia que a gente deveria colocar a nossa cara, nós mesmos enquanto índios, enquanto professores e enquanto jovens que necessitávamos tomar a frente disso. (MATALAWÊ citado por BOMFIM, 2012, p. 74).

Então, como importância desse trabalho, é muito bom ter partido dos próprios indígenas professores, pesquisadores e lideranças Pataxó, sem precisar ter a mão de um não índio decidindo sobre nossa língua, nossa cultura, nossos costumes e sobre as histórias dos anciões, nossas histórias. A língua falada pelos Pataxó, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, entretanto, durante as pesquisas foram catalogadas palavras entre os mais velhos provenientes de outras línguas de outros troncos linguísticos, em material que está atualmente em processo de análise e revisão. Mas para entendermos como essa mistura ocorreu, é importante levarmos em consideração que, de acordo com registros históricos, os Pataxó e outros povos foram forçadamente retirados de seus territórios de origem e aldeados em Bom Jardim, hoje Aldeia Pataxó Barra Velha, contribuindo para a diversidade do seu vocabulário e seus costumes.

Esse trabalho com a língua dos Pataxó, apesar dos consideráveis avanços, está ainda em fase de desenvolvimento: nos cantos, no uso do Patxôhã, como é chamado o idioma Pataxó. No entanto, há ainda muito a ser feito para que a utilização da língua faça parte do cotidiano e se torne efetivo. A depender dos esforços do grupo de indígenas ligadas à educação e das lideranças Pataxó, hoje estamos empenhados ao máximo em prol desse benefício, para valorização de nossa língua e cultura. Acreditamos que, assim, em pouco tempo todos estaremos nos comunicando em Patxôhã sem embaraços.



Imagem 12: Crianças na 8ª Semana Cultural da Escola Indígena Pataxó Boca da Mata. Fotografia de Ibutá Pataxó, 2016.

Hoje as escolas indígenas têm um papel fundamental no fortalecimento e no ensino do Patxôhã nas aldeias, uma vez que essa importância é trabalhada e incentivada em sala de aula pelos professores. A proposta socializada entre as escolas indígenas, giram em torno do empenho de cada professor na utilização do Patxôhã e na autonomia de sua cultura, tornando os alunos cada vez mais conscientes da importância da valorização da cultura Pataxó. Em meio às tantas transformações ocorridas ao longo dos anos, vale ressaltar que elas influenciaram e muito no processo de resgate dos fatores elementares para uma consolidação dos estudos referente à cultura Pataxó. Todavia, ao mesmo tempo que a cultura ganha forças para continuar, os impactos sofridos pela “evolução” dificulta e atrasa tal processo.



Imagem 13: Alunos na 8ª Semana Cultural da Escola Indígena Pataxó Boca da Mata. Fotografia da autora, 2016.

3.3 A Língua Patxôhã nos cantos Pataxó através do ensino aprendido na escola

O processo de estudo da língua Patxôhã começou a poucos anos, de lá pra cá, esse processo vem ganhando forças com ajuda dos professores e lideranças, que visaram a preocupação e necessidade de poder estudar e pesquisar mais a fundo sobre a língua.

Esse trabalho de pesquisa facilitou muito a volta à fala e vem enriquecendo cada vez mais a cultura do povo pataxó. E hoje o que vem dando a maior força e vem contribuindo para esse trabalho é a escola, pois é, a partir dela, que vem uma das suas maiores afirmações, e é a partir dela que podemos dizer que o uso do Patxôhã realmente está sendo praticado. Para contar com essa participação ainda temos os nossos professores de cultura ou melhor, professores de Patxôhã, que visam esse reconhecimento através das suas aulas.

Esse trabalho de criação dos Cantos ou de ter uma maneira específica de falar a língua foi por meio da escola, e também pelo incentivo dos professores de antigamente, e que ainda hoje permanecem com a prática de incentivar a criação dos cantos, que foram facilitados também a busca pelo estudo da língua. Como na fala de Patyó, professor de Patxôhã, que quando jovem também foi incentivado eles e seus colegas a produzir as músicas. Percebemos que essa prática de incentivar os alunos a fazer o uso

da língua ou até mesmo buscar os conhecimentos da cultura de modo geral já vem de muitos anos.

Quem incentivô, agente eu no meu caso e um colega meu que fazia musica quem incentivo agente a fazer isso foi na época que que a FUNAI colocou uma escola na aldeia Barra Velha, iai surgiu uma gincana e a professora pediu pra que agente pudesse fazer uma musica na , na nossa cultura né, era dificultoso, nessa época agente num tinha, num tinha gente , muita gente que falava tinha três pessoas, na nossa aldeia que falava é é um pouco da nossa língua que era Zabelê, Dona Nenen e Tururim né, falava fluentemente eles entendia ai a gente sentamos com eles né, na época né, iai eles passaro alguma mensagem pra nos como nos, as principais palavras, algumas palavras que nos pudesse escrever essa, essa essas musicas ne, que não fosse na língua mais que fosse de forma também que tivesse um sentimento nosso, foi onde surgiu um um homem branco que ele também era casado com uma indígena, ai ele também ajudou agente também a a dizer assim, a melhorar nos, dar ideias pra que a gente pudesse criar uma nossa , musica né , o nome dele é Vilson né hoje e o ele é casado com uma índia né, iai tem filhos já ne, na comunidade que hoje também trabalha na educação ne, iai é, agente, é assim, é ai agente é pediu a gente pra fazer a gincana e pediu uma musica e pediu que agente pudesse produzir uma musica , ne e essa musica, nois fizemo uma musica né, e a gente acho que ela fico boa, ai ai nós tivemos a ideia de produzir uma ota musica musica ,foi as duas musicas que a gente fez, as primeiras né, a primera que foi que fez foi:

O RENOMARKANU OMEKRÉ KERKY

OREMAKANAÔ KITOBARENOU BÃGUTE PAI

OMEKERÉ KITOBARÉ OMEKERENOU BÃGUTE PAI

Isso foi uma das primeiras, ai mais agente num acho que fico boa, ai quando o rapaz pareceu que deu a ideia pra nois, ele deu a ideia pra que agente pudesse faz uma musica que que tivesse a historia dentro do nosso povo, ele ele deu a ideia que nos produzir uma musica da da construção de uma casa, de mutirão, é, nesse tempo agente chamava de rela, iai ele falo assim, vocês fala de casa que vocês vão fazer, ai na casa de, do povo tem duas, três filha, né, iai agente tem o costume aqui de pedir a filha do cara pra ir no bale, ai ces cria uma musica assim que fala mais ou menos assim né, ai a gente teve uma ideia de de escrever essa musica, que na verdade, fala mais ou menos assim é :

HAMÍÁ'Ã KAKUSÚ AKOKÁ

O KIGEME A JOKANA TÁ PIBÁ

IHÉ, OI OIÔ, ENTIADO RESMOGÔ

HÃMIÔU MUKIADO

JOKANA TOKINÃ PENÃ MOKIÁ ATAMIÃ

IHÉ, OI OIÔ RESMOGÔ

HÃMIÔU MUKIADO

JOKANA TOKINÃ, PENÃ MOKIÁ ATAMIÃ.

Então essa musica nós achamos que fico mais dentro da nossa historia, dentro da da da língua dentro, que faz parte da nossa historia.

As musicas em Patxôhã ela já foi já essa historia já ta mais, essas ai já ta mais nova, já já dentro por parte do estudo. (PATYÓ PATAXÓ, 2015).

Como prática e exemplo, essas iniciativas de Patyó e os outros parentes significaram muito para a pesquisa da língua pataxó na época, como sujeitos autores dessas práticas em produzir cantos e em falar a língua, o que foi muito bom, pois, a partir daí, é que surgiram ideias como as da Anari, a de pesquisar sobre a língua; como ela mesmo diz, foi a partir das histórias contadas pelos mais velhos e também por poucas palavras que apareciam no pouco vocabulário dos anciões, nas músicas, que ela se interessou a pesquisar junto aos demais sobre a língua do povo Pataxó. Assim, dentre as experiências que aconteceram em decorrer do períodos de estudos, esses jovens visavam a produção dos Cantos para poder socializar juntamente com os demais da aldeia.

Patyó lembra, em sua fala, que uma das primeiras músicas ou um dos primeiros cantos foi feito a partir do incentivo dos mais velhos, e também dos professores que, na época, também já visavam um interesse muito grande em relação a cultura e principalmente a volta da fala.

Então, para gente entender esse processo atual das comunidades em relação ao uso da língua, devemos compreender um pouco como ele se passa diretamente nas aulas de Patxôhã. Assim como antigamente os próprios alunos se preocupavam em busca do reconhecimento das suas criações e produções musicais, hoje, alguns professores visam essa mesma situação quando se referem ao uso do Patxôhã e, principalmente, ao ensino aprendido dos seus alunos através dos Cantos Pataxó, também de autoria própria, nas aulas. Como proposta disso, me baseio através do ensino do Patxôhã e nos Cantos na Escola da aldeia Boca da Mata, quando o professor Nyomaktxi Pataxó fala em relação as suas aulas, e como faz para ensinar os seus alunos através do uso dos Cantos.

Eu costumo trabalhar “em cima” de tudo que eu aprendi com relação à cultura. Meu objetivo é que meu aluno aprenda, de fato como lidar com a cultura Pataxó e que eles entendam a importância que a prática da cultura tem para nosso povo. Meu trabalho é feito através da canto em Patxôhã, assim o aluno tem acesso a várias de palavras em

Patxôhã e consegue aprender elas mais rápido. Geralmente procuro encontrar uma música que tenha haver com o assunto que estou trabalhando, algumas vezes proponho que eles também criem músicas, porém na maioria das vezes eu que levo as músicas. Eu fiz e ajudei fazer várias dessas músicas que trabalho em sala e acabo utilizando elas quando vou a encontros por ai em outras aldeias, pois elas representam e falam da realidade da minha aldeia. Ainda falando da escola é melhor trabalhar com a música do que com as palavras soltas, quando não dar para relacionar com alguma música o tema da minha aula eu trabalho de outras formas, alguns desses assuntos são dias da semana, frutas, animais, meses do ano... normalmente quando inicio um assunto não me preocupo muito com o tempo, porque acho que só devo avançar quando o aluno aprender, por isso quando vou ensinar uma música, repetimos ela várias e várias vezes para eles aprenderem. Dessa forma trabalhar com música é a minha principal metodologia, porque as vezes é chato só usar o quadro, com a música eu consigo que mais aluno aprende. (NYOMAKTXI PATAXÓ, 2016).

É importante considerar que, através do uso do canto, o professor consegue manter um domínio com relação ao aprendizado dos alunos, e até mesmo dizer o quanto é considerável manter essa dinâmica nas aulas, utilizando o canto como forma de ensino dos alunos na escola. É importante ressaltar que, para se tornar cada vez mais valorizado, esse trabalho com os cantos, devem partir realmente do interesse de todos, não somente da escola, dos professores, mas, principalmente, de toda aldeia envolvida.

No decorrer desse processo todo, vale lembrar que umas das maiores dificuldades dos professores de Patxôhã era ter material o suficiente para poder trabalhar nas aulas, sendo outro fator preocupante era com relação aos professores não terem formação mais específica. Ainda hoje esse fato é presente em algumas aldeias, pois grande parte dos professores ainda não tem formação que os dê a certificação necessária para atuar na escola. Alguns só possuem o ensino médio e outros sequer isso. Uma das lutas dos líderes é que, de alguma forma, haja uma maneira específica de contratação desses professores, pois as secretarias já não estão mais aceitando professores sem diplomas ou certificação, a licenciatura, para atuarem nas escolas. Tendo em vista algumas dessas dificuldades, os professores e pesquisadores juntamente com os demais professores das aldeias Pataxó sempre promovem encontros para estimular e ajudar na participação desses professores sem certificação, em intercâmbios que visam contribuir com a troca de experiência, procurando que estejam sempre direcionadas às práticas deles em sala de aula e com base no ensino do Patxôhã nas suas aldeias.

Como resultado disso, de alguns anos para cá, já conseguimos melhorar consideravelmente a formação dos nossos professores. E também, com a oportunidade advinda da abertura de cursos de licenciatura indígena, já temos um número maior dos professores, não só de Patxôhã, mas também de outras disciplinas e áreas do conhecimento não indígena, e interculturais, concretizando um dos maiores sonhos dos nossos anciões, o sonho de que pudessem ver-nos, os indígenas das suas aldeias, estudando e ajudando seu povo.



Imagem 14: Alunos da Escola Indígena Pataxó Boca da Mata dançando o Awê. Fotografia de Ektanay Pataxó, 2013.

Podemos dizer que esse trabalho está sendo muito bem desempenhado pelos próprios professores das aldeias, através das aulas e o ensino do Patxôhã nas escolas, e como base nisso, quem realmente aprende com esse trabalho são os alunos, que estão cada vez mais empenhados e felizes em aprender a falar cada vez mais o Patxôhã. Como prova disso o que vem acontecendo nas aulas de Patxôhã de Nyomaktxi Pataxó quando ele fala que se sente muito feliz em realizar suas aulas e ver que os meninos aprendem mais quando eles mesmo escolhem as músicas que querem cantar.

As músicas mais usadas são as que os meninos mais gostam, porque facilita o aprendizado são: Kanã pataxi âgtay ùpú ìbá, Akzã, Txihî txuháp hamiá taputari, (oração) Awêry kaupetô nyamisû essa oração ela serve para abençoar os trabalhos da gente. A inspiração das músicas partiu da reflexão da prática das músicas que até então eram cantadas em português, daí quando começaram a criar as músicas em patxôhã que foi em coroa e na Jaqueira, eu e meu irmão criamos (Akxã) que foi escrita em português pensando em homenagear a nossa aldeia e depois

fizemos a tradução para o patxôhã e coloquei o ritmo da batida do maracá da maneira que a gente usa. Agente tinha também a vontade de chegar nos encontros e cantar as músicas nossas, já que toda vez cantavam as mesmas músicas essas que foram criadas pelo pessoal de coroa, foi aí que criamos a nossa e isso serviu também de inspiração para outros parentes de outras aldeias criarem as deles. Isso fez que outros parentes também aprendesse as nossas músicas, teve uma que eu fiz pensando na nossa escola, em homenagear ela, essa utilizo muito nas aulas. (NYOMAKTXI PATAXÓ, 2016).

Assim, como ele diz, essas “músicas” ou “Cantos” facilitam muito no aprendizado dos alunos, pois, como ele falou, é uma marca pessoal utilizar os seus cantos para ajudar no ensino dos alunos em sala de aula. Então, no que se refere ao ensino da língua nas escolas e, principalmente em Boca da Mata, no espaço escolar isso tem tido muitos bons resultados. Ele inclusive confecciona, junto com seus alunos, apostilas de vários cantos na língua, para deixar registrado na escola, e ser depois utilizado em outras aulas e com outras turmas.

Então a partir de trabalhos como esses, não só do ponto de vista das estratégias tradicionais da escola indígena, mas principalmente através dos cantos, o aprendizado dos alunos tem se intensificado no processo de aquisição da fala na língua patxôhã.

4. Cantos na Língua Patxôhã

4.1 Cantos tradicionais do povo Pataxó e suas traduções

Cantos Pataxó

Pataxó Muká, Mukaú
Muká, Mukaú
Pataxó Mayõ Werimehe
Mayõ, Werimehe
Hetõ, Hetõ, Hetõ Pataxó
Kotê Kawi Suniatá Heruê
Heruê-Hê-Hê – Heruê, Heruê

Tradução:

Pataxó unir, reunir unir, reunir
Pataxó luz do amor, luz do amor
Te amo, te amo, te amo Pataxó
Beber cauim e cantar awê
Awê-he-he – awê, awê
(MATALAWÊ, 1999).

Pakte i ã niamysũ
Akxãý taputary txuráo dxê iõ kramuhá
Ahõhẽ topehẽ torotẽ ãtxuab txuráp patxitxá
karnetú awé dxa'há iẽ yamany ãg patxitxá
Iõ pâkte ytsã karnetú niamisũ hũ nytxy werymehe.

Tradução:

Agradecimento a deus
Oi, parente, vamos ver o mar, como ele está lindo

Vamos fazer o nosso awê para a mãe d'água
E fazer nosso agradecimento a deus com muito amor.
(EYHNÃ PATAXÓ, s.d.).

Txihi pataxó
Ye awãkã txó txihi pataxó ~
mê'á ãpú ykhã, dxê'mká ãg nitxi ãksã.

Tradução:

Índio pataxó
A história do índio pataxó
É de luta, glória e muitas vitórias.
(EYHNÃ PATAXÓ, s.d.).

Kanã Pataxi petõi
Bayxutxe naãhã pokãyaré
Arnã petõi puhuy
Arnã petõi akuã
Arnã petõi sarã dxahá txobharé (2x)
Kahabtxe siratã(3x)
Dxá'á uip ápôy ûmip maiõ(2x)

Tradução:

Na minha aldeia tem,
Beleza sem plantar,
Eu tenho arco, eu tenho flecha,
Eu tenho raiz para curar (2x)
Viva jesus (3x)
Que nos vem trazer a luz(2x)
(MATALAWÊ, s.d.).

Patioba, arnã mehexó paxixá nokoxi
Uhitué areneá arêgá sũniatá hamiá bayxú
Haptxôy txuhap ayê bugaú muricí
Aymag fappet dxahá amix koxuk noytxanatxá
Ãgwi patioba ãgwi tokerê dxê anehô agwi
Armonê mê'á kigeme katubayá
Heruê heruê heruê heruá (2x)

Tradução:

Patioba, eu cheguei, vou entrar, alegre
Pular, brincar, dançar bonito
Depois vamos assentar ligeiro, silencio
Tirar os livros para escrever, desenhar, pintar
Balançar, essa é a casa da caipora.
(MATALAWÊ, s.d.).

Ãhõ trakejá
Ãhõ muhũ txihi pataxó kamyurá
Patxutxá takap akuã
Patxtxó mikay ãdxihí mukueme
Txuhap muká penaô
Henuhé ãhõ hõ
Heruê eiê eiê heruê eiê eiê heruê

Tradução:

Não amoleça, não durma índio Pataxó corajoso
Furar com lança e flecha,
Cortar com facão não- índio mau
Vamos unir e pisar forte e não cansar. (ARUÃ PATAXÓ; MATALAWÊ, 2000).

Giktaia torotê sũniatairá
Giktaia torotê sũniatairá(2x)
Hũ kotenokô sũniataxó bayxú olê lê
Tornõ naxoxirá bayxú olá lá
Hãhũhêhê-haá olê lê
Hãhũhêhê-haá olá lá

Tradução:

Passarinho tá cantando
Oi, passarinho tá cantando
Com seu canto bonito, olê lê
Vai voando bonito, olá lá
Chama há, há, há, olê lê
Chama há, há, há olá lá.
(MATALAWÊ, s.d.).

Dawê maiõ ihé
Dawê maiõ ixê (2x)
Tsãgô kanã naô
Dxá'á naô maxanawê

Tradução:

Adeus lua nova
Adeus lua cheia(2x)
Despedi dos cabocos
Que já vou pra minha aldeia(2x).
(KANATYO PATAXÓ, s.d.).

Tukê tukehê, aponê werimehe uekanã(2x)
Ãhõ torotê aponenô(2x)
Awêry Niamisũ konehõ
Kartenotú tornõ atxuhi(2x)
Niamisũ niamitãg anehõ(2x)
Awê(2x) awê(2x)

Tradução:

Boa sorte, felicidade, amor e paz
Não estou triste
Obrigado Deus filho
Amigo vai sorrindo
Deus protege você.
(MATALAWÊ, 1998).

Arnã edhú uĩ ibá
Tapuritú txiokaxó ikô mikahô (2x)
Hamiaxó kanãp txihí
Uĩ mikahô (4x)

Tradução:

Eu moro na mata
Mais ando pela chapada (2x)
Oi rameia meus índios
Na chapada (2x)

Txihi,txihi tokerê paxaká
Txihi txihi tokerê perakuã (2x)
Apêrenã hãtõ jokana
Giktaia torotê sũniatairá (5x)

Tradução:

Índio, índio quer levar

Índio, índio quer deixar (2x)

Respondeu uma jokana

Oi, passarinho tá cantando

Passarinho tá cantando

Oi passarinho tá cantando

Passarinho tá cantando

Oi passarinho tá cantando.

(MATALAWÊ, s.d.).

Niamisũ uĩ itohã

Iõp txihi hãhãõ (2x)

Pukãĩ mé'á dxá'á kaõ tapuritú

Mé'á niamisũ uĩ itohã (2x)

Tradução:

Deus no céu

Os índios na terra (2x)

Oi quem é que pode mais

É deus no céu (2x).

(MATALAWÊ, s.d.).

Arnã ápôyã ãpú kumuhúá

Arnã ápôy

Ápoyá ãpú etanãg Belém (2x)

Kramiã paxixá akuêgré kãpiatá

Niamisũ heruê (2x)

Tradução:

Eu vim do mar, eu venho

Venho da torre de Belém (2x)

Agora vou trabalhar

Na hora de Deus amém (2x).

(MATALAWÊ, s.d.).

4.2 Cantos e autorias da Aldeia Boca da Mata

Oração

Awêry kaupetô nyamisũ (2x)

ikô tapuritú apetxienã (2x)

txaywã ãpú kanã pohênhaw (2x)

mãtxó kanã patã mionã (2x)

kaupetõp akuêg (2x)

ũg kaupetõ kartonetú (2x) (autoria de Nyomaktxi Pataxó)

Arnã ertô kanã pataxi hãhãhãe kanãytaxó

Ahô txihi aporenô dawê dawê

Dawê dawê ertô.

(ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO 2º ANO DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ, 2006).

Cantos de Confraternização:

Txihi txuhap

hamiá taputari (2x)

Suniatá awê ã kanã pataxí

Arnã tokerê wekanã ã nyamisũ siratã

Tohotê ã kawatá ãpú tanara.

(NYOMAKTXI PATAXÓ, s.d.).

Txihi pataxó nitxi baixutxê txuhap kramiã suniatá awê
Txuhap hamiá tuhutari taputari
Hũ atxunã nyamisũ ãg siratã.
(NYOMAKTXI PATAXÓ, s.d.).

Kana kijetxawê me'á baixú
Txuháp ariponã jokana kakusu
Kanã poheháw me'á aponãhi
Hũ hotxomã kaupetô taputari.
(NYOMAKTXI PATAXÓ, s.d.).

Pataxó naô xohã txuháp hamiá kramiã
Txihi pataxó hũ atxohã nyamisũ ãg siratã
Torotê uĩ kawatá
Txihi pataxó kramayurá.
(NYOMAKTXI PATAXÓ, s.d.).

Txihi xohã
Txuhap areneá patxôhã
Txuhap hamiá taputari
Hotxomã hamiá pataxí.
(FARIAS, s.d.).

Ãkxay txuhap hamiá mé'á ãguĩ maracá

Paxixá suniatá kawpetô awê

Ûi pataxi agtay ãpú ãbá

Txahap hamiá

Txuahap kakusú

Txuhap hamiá

Jokana baixú

(NYOMAKTXI PATAXÓ, s.d.)

Iõ txihi kuã patxitxá

Taputari kamayurá

Iõ txihi ãg aksã

Taputari hũ siratã

Awê awê awá

Taputari kamayurá.

(FARIAS, s.d.).

4.3 Cantos Pataxó de antigamente

Cantos em Português

Bahia terra de são salvador (2x)

Viemos da tribo valente andamos para frente

Voltamos para traz

Nós somos índios queremos chegar.

Eu sou caboco palmeira
E quando vim da minha aldeia
Eu trago arco eu trago flecha
Para dançar na terra aleia.

O cumade kuitá (2x)
Moça bela awê
Awê ê ê awê
Awê ê ê awê .

Ô xôxi eu sai da minha aldeia (2x)
Muntado no meu cavalo com a espada assim do lado
Quando eu saia a minha mãe abençoava. (2x)

Eu já vou embora
Para minha aldeia
Terra de pataxó, oba! ninguém passeia. (2x)

Pisada bonita é de caboco
Pisa na areia no rasto dos outros. (2x)

Está na hora eu vou caçar
Eu contente com meu puhuy
Eu vou correndo pela mata a fora
E uma caça eu vou matar
Não tenho medo de nada na vida
Vou com tupã no meu coração
Até o dia amanhecer quando eu voltar lá hãhãw
Quando eu chegar tudo é alegria
Ai meu povo vai me receber
Nós vamos festejar até o novo dia amanhecer
Eu sou índio brincalhão
Na brincadeira eu sou maior
Quem quiser me conhecer
Vai lá na aldeia pataxó
Foi aqui que eu nasci
E não posso desprezar
As nossas brincadeiras
Que nunca vai se acabar.

No pé do cruzeiro jurema
Eu vou com meu maracá na mão (2x)
Pedindo a Jesus Cristo, com amor no meu coração. (2x)

Eu vou com meu puhuy
Com fé em nosso tupã
A minha aldeia é pataxó
Eu sou do tempo de ãña, ãña, ãña
Hoje é o dia do índio
Hãmea awê awá
Goyá kawî na minha aldeia
Sou îtiato a xavaská

Îhé nossos kitok
Jokana e kakusú
Hãmea awê awá
Todos pintados de urucum
O meu koká e o meu colar
Meu tupsay é uma beleza
Com penas de passarinho
E todas cores da natureza.

Vai meu canto vai, vai andando por ai
Não se esqueça de passar pelas aldeias que nunca vi
Os índios de antigamente eu queria conhecer
Pra cantar bem diferente para todo mundo vê (PATYÓ PATAXÓ, s.d. e outros membros PATAXÓ).

Adeus lua nova,
Adeus lua cheia (2x)
Despedi dos meus cabocos
Que já vou pra minha aldeia

Eu vim do mar, eu venho
Venho da torre de Belém(2x)
Agora vou trabalhar
Na hora de Deus amém. (2x)

Meu papagaio seu canto é bonito que vejo tão lindo do lado de lá. (2x)

Ô pisa, pisa quero ver pisar guerreiro do índio de ororumbá (2x)

Estava sentado na pedra esperando naô passar (2x)

Pisando na nossa aldeia, no tronco da juremá

Hêá, hêá, hêô (2x)

Cacique da mata aonde tu anda (2x)

Na mata escondido, tecendo uma tanga

Fazendo um pedido que meu pajé manda(2x)

Guerreiro de pena, escrevi na areia (2x)

Escrevi na areia meus guerreirinho o nome da aldeia (2x)

Eu sou caboco sou macriado, eu tô na flecha que tã danado(2x)

Eu sou caboco eu sou guerreio no meu puhuy eu sou ligeiro(2x)

Caboco da mata eu conheço você (2x)

Sou caboco de aruãda eu sou caboco aruãdê

Caboco da mata onde é sua morada(2x)

Eu moro no pé pedra bem pertinho da estrada

Caboco da mata em conheço você(2x)

Sou caboco de aruãda sou caboco aruãdê

Caboco da mata aonde é que você mora
Eu moro no pé do monte bem pertinho da caipora.
(SANTANA, s.d.).

O vento deu na jurema balançou mais não tombou(2x)
O vento já cessou, pegou o mal e carregou(2x)

Olha folha da jurema que o vento vai levando(2x)
Oi vai levando, vai levando
E os cabocos acompanhado (2x)

A deus Monte Pascoal, que do alto do mar eu vir(2x)
A tribo dos pataxó, a terra que eu nasci (2x)

No galho da oliveira onde arara foi aposar (2x)
Ô caça, caça, índio guerreiro
Não mate a arara deixe ela voar. (2x)

Boa noite minha aldeia, como vai como tem passado(2x)
E eu só como carne crua meus irmãos e engolo sem mastigar(2x)

Eu vou contar uma história que aconteceu,
É muito antiga que eu ainda não existia,
E quando canto chega dói meu coração,
Em saber o que aconteceu com meus irmãos.
Meu pobre pai saiu correndo de sua aldeia,
Uma criança ao seu lado não deixava,
Isso eu garanto falo com muita certeza,
Quando me lembro conto com muita tristeza.
Eles passaram muita fome muitos dias,
E a criança inocente não sabia,
Quando acabou tudo aquilo que passaram
Pra sua aldeia voltou com muita alegria.
Isso passou tão de repente geralmente,
Agora vejo meus irmãos todos contentes
Mais eu ainda me sinto tristonho da vida,
Por saber o que aconteceu com minha gente.
Eu escrevi isso tudo mais não vi,
Agora peço que vocês cante comigo,
Eu também peço que vocês nunca se esqueça
Da minha parte eu nunca vou esquecer.
(KANATYO PATAXÓ; PATYÓ PATAXÓ, s.d.).

Eu vou contar agora/ O que aconteceu/ No ano de 51/ O que meu povo sofreu
Teve índio que sofreu/ Pensando que ia morrer/ Com as mãos amarradas/ Impedido até
de comer
Eu vou pedir/ Ao povo do Brasil inteiro/ Para dar apoio ao índio/ Pois somos todos
brasileiros
Outros correram para bem longe/ Pensando que estavam em paz/ Quando olharam pra
frente/ Quase caíram pra trás/ Tinha um grupo de homens/ Todos estavam armados/
Prontos para destruir/ A vida daqueles coitados
Eu vou pedir/ Ao povo do Brasil inteiro/ Para dar apoio ao índio/ Pois somos todos
brasileiros
Se o índio tivesse direito/ Como outra nação tem/ Não existia conversa/ De nada
também
Eu vou pedir/ Ao povo do Brasil inteiro/ Para dar apoio ao índio/ Pois somos todos
brasileiros.

Cantos em Patxôhã :

Tukê tukehê aponê werimehe uekanã(2x)

Ãhõ torotê aporenô(2x)

Awêry niamisũ konehõ(2x)

Kartenotú tornõ atxuhi (2x)

Niamisũ niamitãg anehõ(2x)

Awê(2x) Awê(2x).

(MATALAWÊ, 1998).

Ãhõ trakejá

Ãhõ muhũ txihi pataxó kamyurá

Patxutxá takap akuã

Patxutxó mikay ãdxihí mukueme

Txuhap muká penaô

Henuhé ãhõ hõ

Heruê eiê eiê heruê eiê eiê heruê.

(MATALAWÊ, 2000).

Pataxó Muká, Mukaú

Muká, Mukaú

Pataxó Mayõ Werimehe

Mayõ, Werimehe

Hetõ, Hetõ, Hetõ Pataxó

Kotê Kawi Suniatá Heruê

Heruê-Hê-Hê – Heruê, Heruê.

(MATALAWÊ, 1999).

Mukará

Ô mukará, mukará trioká (x2)

Heruê heruá (2x)

Kamûguerê kamûguerá

Tupã de biara de maturêbá

De maturêbá, de maturêbá

Tupã de biara de maturêbá

Hê hê hê, hê hê hêá, hê hê hê e hayãgá (2x)

Xohã kamaiurá kanaitê hê

Xohã kamaura kanaitê hê

Hãmea jokana

Hãmê hãmê o jokana

No tupavêi o jokana

Dawê maiõ ihé

Dawê maiõ ixê (2x)

Tsägô kanã naô

Dxá'á naô maxanawê

Avêg pataxó atxagá aporã
Hãhũhêhê niamisũ
Tokonohê napinatô nõtê
Orisá itohã hãhão
Ãhõ murisi, ãhõ murisi
Txihi Pataxó (2x).
(MATALAWÊ, 1999).

Ãgohó hukab
Ãtxuã dehei hê(2x)
Ãtuã dehei hê
Ãtxuã dehá (2x)

Taputarí ahõhê tornõ anehõ
Taputá maturêbá
Torotê uhitué
Siratã mê'á trioká hey hey
Kahab mayõ tokeré
Kahab ahõhê topehê hey hey
torotê itohã.
(MATALAWÊ, 2000).

Kanã pataxi petõĩ
Bayxutxe naãhã pokãyaré
Arnã petõĩ puhũy
Arnã petõĩ akuã
Arnã petõĩ sarã dxahá txobharé
Kahabtxê siratã (3x)
Dxá'á uĩp ápôy ûmip maiõ.

5. Considerações finais

A princípio quando me dispus a realização desse trabalho, foi com a intenção de saber um pouco sobre a criação e a transformação que os cantos tradicionais Pataxó, tiveram depois do estudo e revitalização da nossa língua e cultura.

Quanto mais me aprofundava na pesquisa, mais percebia através das entrevistas que houve realmente uma transformação muito grande em relação à produção dos cantos dentro da aldeia Boca da Mata. Antigamente, os índios cantavam muitos seus cantos, porém eles eram cantados na língua portuguesa, mesclados com variantes do português indígena. Na medida em que foram feitas as observações na aldeia Boca da Mata, também pude entender como está sendo feito esse processo de revitalização da cultura e da língua dentro da aldeia, em um processo que é passado para os jovens e alunos através da escola, pois lá é o lugar em que se mais se concentra a transmissão da língua Patxôhã.

Diante disso, percebi a importância não só da escola, mas da própria prática do canto em Patxôhã, no processo de revitalização da língua. Também pude perceber que o ensino da nossa língua ainda é muito novo dentro da aldeia, e que possuímos um acervo de cantos ainda pequeno. Isso me levou a fazer o registro dos cantos da aldeia. Lembro aqui da fala de um dos professores entrevistados que me disse que, no passado, quando ele saía para os encontros com outras aldeias, ele nunca cantava os próprios cantos da sua aldeia, porque eles não faziam cantos em Boca da Mata, cantávamos só os cantos da outra comunidade. Parte daí o interesse dele na produção do seus cantos. Isso me fez perceber a importância de registrar os cantos da aldeia, para poder servir como registro, pois até então não havia nenhum registro dos cantos e autorias da aldeia Boca da Mata.

Durante o período de pesquisa, entendi que a transformação que os cantos tiveram depois do processo de estudo da língua, foi muito relevante para o povo Pataxó, pois foi, a partir da pesquisa, que o povo novamente voltou a fazer o uso da sua língua e das práticas que tinham antigamente. Espero que esse trabalho, que só foi possível graças aos nossos anciões, venha ajudar a somar aos trabalhos que já foram produzidos dentro do povo Pataxó, sendo parte de um acervo da nossa cultura, servindo como fonte de pesquisa para outros trabalhos.

Espero ainda que esse trabalho venha servir como material pedagógico dentro da minha aldeia e mesmo de outras aldeias, e seja como fonte de revitalização e

transmissão da nossa história, como também para registrar nossos costumes e práticas culturais.

Por fim, percebo a necessidade de mais estudos acerca dos cantos, principalmente após o início dos estudos para a revitalização da língua Pataxó, que reforçam ainda mais a ideia de se falar o Patxôhã via canto, concluindo assim que o canto de fato foi e é uma forma que contribui bastante no processo de retomada e revitalização não só da língua Pataxó, como da prática da cultura de modo geral.

Referências

ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO 2º ANO DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ. Letra de canto. Bahia: Aldeia Boca da Mata, 2006.

ARUÃ PATAXÓ; MATALAWÊ. Letra de cantos. Bahia: Coroa Vermelha, 2000. In: ATXÔHÃ. Grupo de Pesquisa da Língua e História Pataxó. *Apostila de Patxôhã*. Bahia: Coroa Vermelha, 2000.

ATXÔHÃ. Grupo de Pesquisa da Língua e História Pataxó. *Apostila de Patxôhã*. Bahia: Coroa Vermelha, 2000.

ATXÔHÃ. Grupo de Pesquisa da Língua e História Pataxó. *Inventário Cultural Pataxó: tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia*. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

BOMFIM, Anari Braz. *Patxôhã, “Língua de Guerreiro”*: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia. 2012.

EYHNÃ PATAXÓ. Letra de cantos. Bahia: Aldeia Velha, s.d. In: ATXÔHÃ. Grupo de Pesquisa da Língua e História Pataxó. *Apostila de Patxôhã*. Bahia: Coroa Vermelha, 2000.

FARIAS, Ronaldo. Letra de cantos. Bahia: Aldeia Boca da Mata, s.d.

KANATYO PATAXÓ. Letra de cantos. Bahia: s.d. MATALAWÊ. Letra de cantos. Bahia: Coroa Vermelha, 1999. In: ATXÔHÃ. Grupo de Pesquisa da Língua e História Pataxó. *Apostila de Patxôhã*. Bahia: Coroa Vermelha, 2000.

KANATYO PATAXÓ; PATYÓ PATAXÓ. Letra de cantos. Bahia: Aldeia Boca da Mata, s.d.

MATALAWÊ. Entrevista. In: BOMFIM, Anari Braz. *Patxôhã, “Língua de Guerreiro”*: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia. 2012.

MATALAWÊ. Letra de cantos. Bahia: Coroa Vermelha, 1998. In: ATXÔHÃ. Grupo de Pesquisa da Língua e História Pataxó. *Apostila de Patxôhã*. Bahia: Coroa Vermelha, 2000.

MATALAWÊ. Letra de cantos. Bahia: Coroa Vermelha, 1998. In: ATXÔHÃ. Grupo de Pesquisa da Língua e História Pataxó. *Apostila de Patxôhã*. Bahia: Coroa Vermelha, 2000.

MATALAWÊ. Letra de cantos. Bahia: Coroa Vermelha, 1999. In: ATXÔHÃ. Grupo de Pesquisa da Língua e História Pataxó. *Apostila de Patxôhã*. Bahia: Coroa Vermelha, 2000.

MATALAWÊ. Letra de cantos. Bahia: Coroa Vermelha, 2000. In: ATXÔHÃ. Grupo de Pesquisa da Língua e História Pataxó. *Apostila de Patxôhã*. Bahia: Coroa Vermelha, 2000.

MATALAWÊ. Versão na língua Pataxó. Bahia: Coroa Vermelha, s.d.. In: ATXÔHÃ. Grupo de Pesquisa da Língua e História Pataxó. *Apostila de Patxôhã*. Bahia: Coroa Vermelha, 2000.

NASCIMENTO, Akerlan Santos. *A musicalidade Pataxó: a música e os cânticos sagrados na aldeia Barra Velha*. Monografia (Licenciatura em Matemática) – Formação Intercultural de Educadores Indígenas, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2014.

NYOMAKTXI PATAXÓ [Romário Farias do Nascimento]. Cantos na língua Patxôhã [28 mar. 2016]. Bahia: Aldeia Boca da Mata. Entrevista concedida a Cleidiane Ponçada Santana.

NYOMAKTXI PATAXÓ [Romário Farias do Nascimento]. Letra de canto. Bahia: Aldeia Boca da Mata, s.d.

PATYÓ PATAXÓ [José Raimundo Santana]. Cantos antigos Pataxó [25 ago. 2015]. Bahia: Aldeia Boca da Mata. Entrevista concedida a Cleidiane Ponçada Santana.

SANTANA, Manoel. Letra de cantos. Bahia: Aldeia Boca da Mata, s.d.

TOHÔ PATAXÓ [Moisés dos Santos Santana Ferreira]. Revitalização da cultura Pataxó por meio dos cantos [08 set. 2015]. Bahia: Aldeia Pataxó Pé do Monte. Entrevista concedida a Cleidiane Ponçada Santana.